

## POSICIONAMENTO DE UMA TEORIA DO AMOR NA PSICANÁLISE \*, \*\*

POSITIONING A THEORY OF LOVE  
IN PSYCHOANALYSIS

Silvia Bleichmar

**Resumo:** O artigo trabalha questões referentes ao tema do amor em psicanálise, fazendo um percurso no qual articula vários conceitos fundamentais para a teoria psicanalítica. Principalmente a partir do pensamento freudiano, aborda a distinção entre autoerotismo e amor perpassando pelos aspectos pulsionais e da relação com o corpo. Situa as noções de objeto e representação dentro do arcabouço teórico da psicanálise e suas imbricações ao erótico e ao amoroso. Destaca ainda o tema do pudor, vergonha e culpa em relação ao amor do eu e ao amor do objeto. Por último, perpassando pelo tema do Édipo, ideais e de modos discursivos de organização da falta na cultura, traz para debate o conceito de castração, empreendendo críticas à teoria freudiana de um ponto de vista epistemológico e clínico e a necessidade de retrabalhar a teoria da masculinidade.

**Palavras-chave:** Amor, auto-erotismo, narcisismo, ideais.

*Abstract: The article deals with issues related to the theme of love in psychoanalysis, making a course in which it articulates several concepts fundamental to the psychoanalytical theory. Mainly from the Freudian thought, the paper approaches the distinction between autoerotism and love permeating the aspects of the drive and the relationship with the body. It situates the notions of object and representation within the theoretical framework of psychoanalysis and its imbrication to the erotic and to the loving. It also highlights the subject of modesty, of shame and of guilt in relation to the love of the self and the love of the object. Finally, through the theme of the Oedipus, as well as the ideals and the discursive modes of organization of the lack in Culture. This brings to the debate the concept of castration, undertaking criticisms of Freudian theory from an epistemological and also a clinical points of view and the need to rework the theory of masculinity.*

**Keywords:** Love, auto-erotism, narcissism, ideals.

\* Texto original publicado no livro de Silvia Bleichmar, *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica atual*, pela editora Paidós, ano de 2014. Tradução realizada por Traduzca. Revisão de Eureka Gallo de Moraes.

\*\* Aula de 27 de setembro de 2004.

a ver com que, para Freud, esse é sempre secundário à sexualidade, não no sentido de hierarquia, mas de cronologia na constituição psicosexual da criança. O primeiro período de vida psíquica, psicosexual, é autoerótico. O amor vem entrelaçado ao narcisismo. Define-se pela sua possibilidade de relação por apoio no objeto, portanto, é secundário à constituição da pulsão. No entanto, nos anos posteriores alguns autores – entre os quais Balint<sup>1</sup>, com a teoria do apego e toda uma corrente de norte-americanos – trabalharam a teoria do amor primário com a ideia de que nos primeiros anos de vida se constitui, em princípio – seguindo o modelo ontológico –, a relação da criança humana com o objeto de apego e, posteriormente, o sexual.

Não vou me aprofundar nisso. Num seminário anterior desenvolvi a minha posição a esse respeito. Penso que é necessário fazer florescer o apego – como acontece com muitas outras questões que pareceriam de ordem instintiva – porque em nossa prática verificamos que, embora houvesse um “instinto primário de apego” como nos animais, este entra rapidamente em *default* a partir da relação com o objeto. Isso porque a recuperação da relação amorosa ao objeto, no sentido de representação e não biológico, não se produz senão pela via de uma decomposição da corrente instintiva e uma recomposição representacional e não biológica que já tem muito pouco a ver com o instinto primário, a tal extremo que os modos de fixação no objeto, do ponto de vista da sexualidade, colocam sempre em crise este considerado “apego” instintivo primário. Mais ainda, podemos verificar que no ser humano pode se instalar a questão sexual sem a amorosa, mas é impossível que se instale a questão amorosa se não se instalou a questão sexual. Ou seja, se não se instalou qualquer forma de fixação no objeto que depois possa tomar um caminho dessexualizado ou sublimado em relação ao amor.

A outra questão do amoroso na psicanálise é a superposição permanente entre o amor, no sentido amplo, como relação simbólica oblativa ao objeto, no sentido de “levar em consideração o objeto”, e a relação erótica. Mais ainda, não apenas estão superpostos, mas, em alguns casos, estão confundidos. Em muitos momentos, Freud fala do amor em relação ao objeto quando se trata de erotização do objeto. Inclusive no caso Hans, muitas vezes comentamos que ele fala do amor ao pai, quando o que existe é uma corrente erótica em relação ao pai. A corrente erótica em relação ao pai não é, precisamente, a que produz os melhores sentimentos em relação ao objeto. De forma que acredito que temos que continuar afirmando a ideia de que o amor e o erotismo são duas correntes diferentes da vida psíquica, que podem ou não entrar em confluência, mas que, em última instância, não podem ser superpostas, mesmo quando possam se reunir na relação de objeto.

Trouxe *Introducción del narcisismo*<sup>2</sup> porque é um dos textos nos quais surge mais claramente apresentada a questão do amor e onde, curiosamente, o amoroso é definido a partir das formas do ideal e não das formas do erotismo. Com isso, quero dizer que Freud parte da ideia de que, para poder amar o objeto, é necessário que o narcisismo seja constituído. Vale dizer, o amor ao eu ou o amor pelo eu, a estagnação da libido. Vocês sabem que, constantemente,

nessa superposição que existe entre o amor e o erotismo, confunde-se o prazer com o próprio corpo com o amor a si mesmo. Como se os analistas não pudessem perceber que o amor por si mesmo pode ser perfeitamente uma forma dessexualizada da relação erótica com o corpo; inclusive, uma renúncia ao erotismo como aparece, em muitos casos, sob a forma de captura narcisista. Se existe algo completamente patético é, por exemplo, a questão dos corpos perfeitos dos “marombados”, sempre exibindo os seus corpos. Sabemos que esse corpo não pode ser empregado para qualquer outra função que não seja a de serem vistos. De forma que ali existe uma renúncia à relação erótica com o corpo pelo prazer da imagem. Muito tem se falado de histerias, mas nunca se fala dessas formas de narcisismo masculino que estão atualmente muito difundidas, do uso de anabolizantes para produzir um efeito de inchaço, e também com relação a uma forma espúria de complemento do corpo, neste caso, não com silicone, mas mediante o consumo de drogas.

### RELAÇÃO ENTRE O AMOROSO E O AUTOEROTISMO

A primeira questão que eu gostaria de desenvolver é o vínculo entre o amoroso e o autoerotismo. Vale dizer, como o amoroso, no sentido amplo, fica, por um lado, fixado no autoerotismo, e, por outro lado, com uma dose que sempre é inibidora ou sublimatória do fim da pulsão. O amoroso não pode ser concebido se houver algum tipo de inibição da meta pulsional, entendendo a meta pulsional como uma descarga sobre o objeto que não poderia levar em consideração o objeto. De forma que o amoroso não é um derivado direto do pulsional, mas de uma forma de transformação do pulsional, mas que não poderia se produzir se não existisse essa primeira fixação do pulsional. Ocasionalmente, tenho pegado como exemplo o beijo das crianças, que primeiro mordem, depois colocam a boca sobre o rosto do outro e finalmente podem beijar, porque o beijo sempre é uma expulsão do ar; quer dizer, é algo que vai para o objeto, não algo que fica no objeto. De forma que esses três passos podem marcar perfeitamente a relação existente entre o amoroso, a pulsão e a renúncia.

Por outro lado, no texto de Freud há algo muito relevante: a ideia de que o investimento de objeto no sentido amoroso tem a ver com a relevância representacional que o objeto assume. Aqui, vamos tomar investimento em termos amplos, ou seja, o conceito de *Besetzung* como ocupação territorial representacional. Quando se fala em investimento, faz-se referência a que algo vai carregar esse lugar; e “carregar esse lugar” não quer dizer carregá-lo de energia, mas ocupá-lo representacionalmente. Por isso, uma representação investida é uma representação que se faz presente porque algo a coloca em primeiro plano a partir da sua ocupação.

Nesse sentido, podemos pensar que o objeto da pulsão e o objeto de amor são claramente dois objetos diferentes, embora possam estar radicados sobre um mesmo objeto externo. Isso também provocou muita confusão: a ideia de que, na psicanálise, o objeto é definido pela sua corporalidade no mundo e não pelo seu caráter representacional, se bem teria de ser, em última instância, o sustentáculo da representação. Mas o conceito de objeto não está dado pelo

objeto do mundo, senão pela representação acorde ou efeito desse objeto do mundo. Por isso, há anos temos um debate a respeito da palavra *pré-objetividade*, que considero tão incorreta e que vem sendo usada há tanto tempo, uma vez que leva a considerar como único objeto o objeto de amor e não qualquer objeto investido. A única *pré-objetividade* que poderíamos imaginar é o caso dos sujeitos reduzidos à sua condição biológica mínima, aqueles nos quais nunca se instalou um objeto de representação. No entanto, durante muito tempo se tomou “objeto” como “objeto de amor”, pelo qual se considerava que em quem tinha dificuldades na relação com o objeto amoroso existia *certa pré-objetividade*. E, em alguns casos, nas psicoses infantis se considerava “*pré-objetividade*” o fato de que o objeto de pulsão primava sobre o objeto de amor, por não ser considerado o autoerotismo como *objetal*.

A questão é que quando digo “o autoerotismo como *objetal*” estou indicando que o autoerotismo é *pré-objetal* do ponto de vista do objeto do amor, mas tem um objeto da pulsão com o qual está ligado. E que é um objeto-representação que é ativado simultaneamente com uma parte do próprio corpo ou do corpo do outro. Esta é a questão: o que consideramos autoerótico, se sustentamos como autoerótico o uso do próprio corpo ou autoerótica toda prática de exercício do gozo que não implique reconhecimento do objeto externo para dar um exemplo de como o apego falha e entra em crise. E não entra em crise porque falhe biologicamente, mas sim porque se produz uma dominância do aspecto *erógeno* da pele sobre o aspecto de *contenção* da pele. Essa é a outra questão: há certa facilitação em pensar que o que é de pele é *contenção*, quando, na verdade, muitas vezes, a procura por *contenção* faz com que a pele seja erotizada e, em outros casos, é a ausência de *contenção* o que adere à pele. Ou seja, é necessário analisar em cada caso o que acontece.

#### UMA VINHETA CLÍNICA DE UMA MENINA COM RELAÇÃO DE OBJETO AUTOERÓTICO

O relato clínico de hoje é o de uma menininha que usava a perna da sua mãe como objeto autoerótico, a pele. Então, ela chupava o dedo enquanto alisava a perna da sua mãe e, inclusive, pedia que a mãe tirasse a meia para fazê-lo. Isso é muito interessante porque, com muita intuição, a mãe percebeu que aquele não era apenas um gesto de carinho ou algo de apego a ela, mas sim uma forma de resolução da tensão erótica que poderia ser problemática no futuro, sendo uma criança pequena, de 2 anos e meio. O interessante é que, além disso, isso acontecia com as maiores condições de autoerotismo, com o olhar fora do objeto. Porque o que caracteriza a relação de objeto é que o prazer se sustenta na relação com o objeto, enquanto, por sua vez, o gozo está completamente desligado da relação intersubjetiva. Esse uso da pele da mãe era uma forma autoerótica que nunca poderia ter sido considerada como um excesso de apego ou de afinidade com a mãe. Porque, na verdade, não era o corpo da mãe o que a atraía, e sim a pele por si só.

Isto é muito importante, uma vez que, por um lado, marcava que podia se transformar em uma corrente fetichista da vida erótica e dava conta, também, de uma fixação na qual, ao mesmo tempo, iam sendo construídas constelações

## CONVIDADO

de objetos. Trata-se de uma criança encantadora, inteligente, com muitas qualidades; ao mesmo tempo, essa parte ficava completamente separada – por motivos que não vou descrever aqui, pois não me parece necessário para a questão de hoje –, mas ficava totalmente separada. Surgia como um momento de quebra na relação com o objeto e não como um momento de encontro com o objeto, mesmo quando alguns pudessem tê-lo considerado como alguma característica de ligação com a mãe. Na realidade, não havia ligação com o objeto, mas apropriação de uma parte do objeto como forma de resolução autoerótica. Parece-me interessante porque, além disso, no momento em que a situação acontecia, ela não amava a mãe à medida que a sua pele era um objeto isolado do objeto amoroso.

Para localizar, então, a questão, poderíamos dizer que o objeto da pulsão e o objeto do amor podem, ou não, coincidir. Mas o interessante é que, no caso desta menina, a ideia de apoio de Freud, na verdade, não pode ser definida a partir do corpo da mãe, mas a partir do modo de constituir-se a representação. Embora, usualmente, e em todos os seres humanos, o objeto amoroso se constitui sobre a base do apoio, no objeto erógeno primário, no mesmo movimento pode-se produzir a quebra de uma corrente da via erótica desde a infância, na qual seria incorreto pensar que essa forma de resolução da vida erótica está emoldurada nas formas de apoio. O que chama a atenção, em primeiro lugar, era a fixação do ritual, que sempre é dentro do espectro da perversão; mesmo as crianças que chupam o dedo, apenas têm rituais para a hora de dormir ou para momentos de angústia, não o apresentam habitualmente. Com a chupeta ou com o dedo, usam o objeto transicional sob determinadas formas, mas são formas que se sustentam muito à margem da vida cotidiana. Quando isso fica muito estereotipado e muito radicado no conjunto da vida, sabemos que algo está acontecendo com aquela criança. Sabemos que ali está se desenvolvendo algo, no espectro de uma carência. Winnicott<sup>3</sup>, mesmo às vezes, pensava que o objeto transicional poderia funcionar como um objeto consolador, embora os objetos consoladores – como ele os chamava – possuam certas características que não tem o objeto transicional, porque não são os objetos usuais: moles, agradáveis ao tato e mais. Pelo contrário, são duros, rígidos estranhos, como fios, novelos, objetos de encaixe, enfim.

A ideia de considerar anobjetal o modo de exercício da pulsão, por um lado apresenta essa matriz de que sempre o autoerotismo se dá com um objeto. A questão é que é com um objeto não humanizado, embora provenha de outro humano. Quero destacar isso, o que caracteriza o autoerótico é o desconhecimento do caráter humano do outro. Por isso assume forma tirânica e por isso também opera com perversão. Como objeto, então, Freud vai tomá-lo entre os componentes da pulsão e poderíamos dizer que, justamente, a contingência do objeto marca que, sendo um dos quatro termos da pulsão, se é contingente, coloca em risco toda a contingência pulsional. Se não se constitui o objeto da pulsão, a pulsão mesma entraria em crise como conceito, se a considerássemos endógena; ou teria de voltar à ideia de Fairbairn, de que a libido procura objetos<sup>4</sup>.

No caso do objeto de amor, por outro lado, surge sempre como um segun-

do tempo ao investimento narcisista. De forma que poderíamos dizer o seguinte: para fazer um pequeno quadro do lugar do amoroso no nosso pensamento e a importância que isso pode ter no diagnóstico, justamente porque está marcando as formas da relação ao outro e, inclusive, a instalação da transferência. A transferência não pode se instalar se não existe relação amorosa de objeto, ainda que existam formas pontuais de transferência. Mas, por outro lado, está o autoerotismo, que tem objeto da pulsão que, mesmo provindo do outro, é representação em si, está dessubjetivada. Vale dizer, está fixada apenas no corpo do outro, mas não em uma representação do outro como subjetividade.

Para Freud, o primeiro momento de constituição da subjetividade é o narcisismo. Por isso dá tanta importância ao *sentimento de si* ou ao *Selbstgefühl*, que é, em última análise, a autoestima como sentimento amoroso radicado no eu. Isso abriu, durante anos, uma questão muito debatida: A libido é do id? É do ego? Não, na realidade, a fonte poderia ser o id, porque, se não existe investimento erógeno, não se constitui a organização da libido estagnada no ego. Mas temos que partir da ideia de que o narcisismo, então, tem uma fonte no erotismo primário e, ao mesmo tempo, implica já um nível de sublimação. O amor em si mesmo não implica necessariamente erotismo. Mais ainda, é a renúncia do erotismo. Renuncia-se às fezes, renuncia-se aos diferentes modos de gozo da vida pulsional por amor a si. Se, em um primeiro tempo, a renúncia está dada pelo amor ao objeto, a repressão está dada pelo amor ou pelo sentimento de respeito a si mesmo, de respeito pelo sentimento de autoestima. De forma que o narcisismo se constitui em parte de forma sublimatória, por algo Lacan o colocou na questão da imagem centralmente. Digamos, o contato com o próprio corpo não é amor a si mesmo, mas puro erotismo. Combinam-se, mas poderíamos dizer que é muito importante diferenciar o que motiva essa relação. Ninguém poderia pensar que a masturbação é narcisismo, exceto quando alguém estiver comparando o tamanho do seu pênis em cada masturbação; seria a única razão para pensar que aí sim está a serviço do narcisismo. Mas, em última instância, poderia ser também uma racionalização de um gozo primário, tudo é possível.

### VERGONHA, CULPA, PUDOR

Então, trata-se, em princípio, de amor ao eu. E recém aí surge o amor de objeto. No autoerotismo existe o objeto erótico; no narcisismo existe um objeto de amor que é o eu. No amor de objeto, existe um objeto de amor externo ao eu e que implica, sempre, uma drenagem de libido. Que no Édipo – aqui a grande questão freudiana – se combinem os diferentes aspectos e se liguem de modo diferente, é o que confere o caráter estrutural do Édipo. Mais ainda, poderíamos pensar que ali se instalam a vergonha e a culpa. Parece-me que esta é uma ideia importante, inclusive teórica, desde o ponto de vista do que implica de fineza clínica posterior. Porque a culpa sempre implica algo em relação ao dano para o objeto, enquanto a vergonha sempre implica algo de autoestima do eu. Que uma mesma ação possa produzir culpa e vergonha, sim, perfeitamente; mas ambas as faces correspondem a processos diferentes. A vergonha corresponde ao amor do eu, e a culpa, ao amor do objeto. Se vocês pensam

que o Édipo é teoricamente o lugar onde, para Freud, instala-se a culpa, então a questão da culpabilidade e a vergonha devem ser diferenciadas desde já, embora a vergonha possa ser perfeitamente binária e a culpa é sempre terciária. Vale dizer que sempre está atravessada pelo reconhecimento da existência do outro, não como outro que “me ama”, mas como outro a quem “eu amo”. É o que, em última instância, define a passagem do narcisismo ao amor de objeto: a passagem de ser amado a poder amar.

### INTERVENÇÃO: VERGONHA OU PUDOR?

É verdade, são duas coisas diferentes e acontecem em tempos diferentes. O primeiro tempo é do pudor; o segundo, da vergonha. Mas eu os tomaria como dois elementos relacionados com o eu. Mais ainda, agora vou dizer por que é uma boa pergunta. Nos primeiros tempos, quando começam a surgir os primeiros sentimentos, estes têm a ver com o pudor, não com a vergonha. O que isso significa? Que são sempre de algo que se relaciona muito diretamente com a questão do corpo. O pudor, por algum motivo, está presente posteriormente no ser humano em termos de algo relacionado ao *no mostrable* em princípio, em relação ao corpo. Por isso Freud o coloca junto com o nojo: nojo e pudor como primeiros momentos prévios ao recalçamento originário. Poderíamos dizer que a vergonha já é uma forma intersubjetivada do pudor. É algo que o sujeito pode sentir perante si mesmo também, não apenas perante um terceiro. Enquanto no pudor, geralmente algo está oculto do olhar do outro. Quando Laplanche pergunta para debater a ideia da intersubjetividade do sintoma: “Por acaso as jovens não se ruborizam na escuridão?” nos permite extrair uma conclusão para o nosso próprio trabalho: se o corpo deve ser pudicamente velado ao olhar do outro é porque em nossa cultura a sua exibição é uma convocatória sexual e, nesse sentido, impõe a vergonha pelo fantasma que representa. Sem dúvida, é a isso que se refere Freud quando diz que a criança pequena não tem vergonha de exhibir o seu corpo, uma vez que as pulsões de exhibir ou a crueldade surgem com certa independência a respeito das zonas erógenas, e apenas mais tarde entram em estreita relação com a vida genital. E isso é do âmbito da incorporação já subjetiva do olhar do outro. Mais ainda, eu reservaria o conceito de pudor para aquilo que tem a ver com a exibição do corpo e para o que tem a ver com a pulsão, assumir o controle, enfim.

No filme *Alguém tem que ceder*, Diane Keaton ridiculariza a Jack Nicholson quando ele, internado devido a um suposto infarto, aparece com a bata de internação aberta atrás e o seu traseiro fica exposto. É muito interessante porque isso faz, justamente, a dessubjetivação do corpo na medicina; a forma como as batas de hospital ficam abertas atrás, a forma como o corpo fica exposto e o sentimento de pudor que produz. Porque ele está submetido a uma situação na qual o pudor não é central, em que a preocupação pelo seu corpo é fundamentalmente autoconservativa e não estética.

Eu guardaria a ideia de vergonha para a possibilidade de algo em que, por um lado, o olhar do outro está intrassubjetivado ou forma parte daquilo que é intrassubjetivo e, por outro lado, também se desloca aos aspectos morais que

têm a ver com as relações, com formas de legalidade e não apenas com proibições básicas. Quer dizer, não se trata apenas do pudor em relação às fezes, ao corpo nu, ou qualquer outra coisa, ou do pudor de não mostrar um aspecto desagradável da gente mesmo. Porque, vejam, em última instância, o pudor está sempre vinculado a uma imagem de menosprezo narcisístico, enquanto a vergonha pode ter um lado na problemática moral. Ou seja, é possível sentir vergonha por ter transgredido uma lei, por ter praticado um ato incorreto do ponto de vista moral, o qual não significa que se sinta culpa por tê-lo realizado.

Há um tempo comentávamos com vocês a diferença entre culturas da culpa e culturas da vergonha. Sob o estigma do judaico-cristianismo, no Ocidente sempre houve predominância da culpa sobre a vergonha, mas no neoliberalismo atual, predomina a vergonha sobre a culpa. Existe uma mudança. Quando a gente lê os textos de psicanálise do início do século XX, perguntamo-nos o que aconteceu com o eixo da culpa. Trata-se de uma pergunta permanente, porque o eixo da vergonha aparece aqui, hoje, como um eixo central do sujeito. Às vezes, brinco dizendo que o homem dos ratos, hoje, não sentiria vergonha de que o pai tivesse cometido um delito, mas de que isso não tenha lhe servido para ser rico; um pensamento como: “Que inútil! cometeu um delito e não serviu de nada”, ou que tivesse casado por dinheiro. Qualquer cretino de hoje diria: “Que orgulho, o meu pai soube ver a oportunidade!”. Na época de Freud isso era algo terrível. Então, estamos falando de “culpa” e “vergonha” como eixos diferentes. Por isso penso que a pergunta é pertinente e também me serve para fortalecer uma diferenciação que poderia ser clinicamente interessante. Por exemplo, a gente sempre pergunta sobre o manejo do pudor nas crianças, principalmente quando tem dúvidas sobre se está bem constituído, porque tem a ver, justamente, com a prioridade sobre o corpo. A apropriação do corpo se manifesta, em princípio, em um zelo a respeito do olhar do outro.

*Intervenção:* Sobre a vergonha e o pudor, lembrava dos versos de Martín Fierro que dizia: “Muitas coisas perde o homem / às vezes as torna a encontrar, / mas devo lhes ensinar / e é bom que se lembrem: / se a vergonha se perde, / jamais se torna a encontrar” [em tradução livre] em função do que você falava sobre as concepções morais. Porque agora, como estava dizendo, a vergonha foi relativizada, e José Hernández a coloca como sendo central.

Sim, mas o coloca em relação à vergonha nos atos morais, enquanto aqui, ao que eu me refiro é à vergonha em relação à conquista. Por exemplo, uma “*agachada*” para Martín Fierro é vergonhosa. A moral de Martín Fierro não é pragmática, não se define pelo resultado, mas pelo processo. O problema da perda de vergonha coletiva tem a ver com o pragmatismo. A ação é definida pelo resultado e não pela sua relação com os valores. Então, se a “*agachada*”<sup>5</sup> serviu para ficar rico, foi correta; do contrário, não serviu para nada, o indivíduo é um bobalhão que perdeu todos os créditos. Enfim, essa é a questão da relação pragmática com a moral, o utilitarismo.

Dizíamos que o pudor é a primeira forma de apropriação do corpo. Vale dizer, a possibilidade de fechá-lo ao olhar do outro ou a que se possa zelar



algumas ações que considera pouco respeitáveis, que diminuam a autoestima do outro; indica o reconhecimento do corpo do indivíduo como uma propriedade. Isso é muito importante, porque marca a relação, por um lado, entre o corpo e o eu, mas, além disso, marca a função do pudor como momento de diferenciação do outro. Vale dizer, como momento da infância no qual o próprio corpo deixou de ser propriedade da mãe. No caso da vergonha, trata-se de uma internalização. Poderia ocorrer que uma criança pratique um ato indevido e não queira ser vista pelo outro. Aí surge a questão da vergonha. O mesmo ato pode levar à vergonha ou à culpa, e é muito importante considerar o modo como se produz, uma vez que a vergonha é pelo amor do eu, e a culpa, pelo amor do objeto. Suponhamos que um menino não quer mostrar uma nota baixa. Pode ser para que os pais não briguem com ele, mas também por não quer provocar dor em outra pessoa. Não é a mesma coisa, mesmo quando se trata da mesma ação. Algo parecido acontece com as ações na vida adulta. A ocultação de uma verdade, não necessariamente a mentira, pode estar relacionada ao narcisismo ou ao amor pelo outro. Parece-me que tudo isso forma parte do conhecimento da vida amorosa.

#### AMOR E ENAMORAMENTO. IDEAL SEXUAL E IDEAL DO EGO

Além disso, aqui se apresenta outro problema: a relação entre o amor e o enamoramento, que é outra questão. Porque o enamoramento é a idealização do objeto com pouco reconhecimento das suas características questionáveis. E, nesse sentido, para Melanie Klein, a idealização operaria como uma defesa, não seria do tipo de reconhecimento do amor em termos de posição depressiva, de reconhecimento da ambivalência e do reconhecimento da falha do objeto. De toda forma, é indiscutível que o enamoramento tem a ver com uma paixão e com um momento de “insanidade”. É muito interessante a ideia da loucura como insanidade aí, como se no enamoramento, o sujeito tivesse perdido o princípio de realidade, não apenas nos delírios amorosos, mas em todo o enamoramento. Essa é uma questão que os pais dos adolescentes trazem a todo o momento. “Se nos opusermos, vai se grudar mais?” É muito interessante. Uma das coisas que às vezes acontece com o sujeito é que defende mais o objeto quanto menor é a certeza que tem de que o outro vai respeitar a sua escolha. Quando a escolha é respeitada, principalmente pelo analista, pode-se começar a trazer as contradições que existem como esse objeto, o que não significa que os pais fiquem tranquilos com isso. Claro, nós estamos bem menos comprometidos e pensamos: “Isso chegará a um divórcio” em última instância. Mas os pais não pensam assim, e têm razão. Isso diferencia a função dos pais da função do analista. Os pais têm que dizer: “Ele é um cretino”, e o analista tenta compreender por que esta garota está apaixonada por esse cretino.

Quando Freud diz que “o enamoramento consiste em um desbordamento da libido do ego sobre o objeto. Tem a virtude de suspender recalques e de restaurar perversões. Eleva o objeto sexual a ideal sexual”<sup>6</sup>, ele afirma que é impossível esse desbordamento sem sobre-estimação do objeto. Isso me parece muito interessante. É como se não pudesse haver transvasamento libidinal sem enfraquecimento narcisista de si mesmo. É impossível amar a partir do que

Lacan chamaria de “completude”. Ou seja, o ato de amar sempre implica um reconhecimento de que o outro tem características que faltam em mim. Por isso, Melaine Klein levanta a questão da inveja como obstáculo para o amor, à medida que a inveja impossibilita reconhecer que é essa característica do outro o que leva a querê-lo para si mesmo, sem reconhecer que a apropriação passa pelo amor ao outro, enquanto o amor tem esse aspecto altruísta: o reconhecimento do enfraquecimento narcisista e, ao mesmo tempo, investimento do objeto, uma vez que apresenta características que gostaria de ter. Assim, para expressá-lo em termos mais comuns ao século XX: não existe possibilidade de amor sem castração no sentido ontológico, sem reconhecimento de enfraquecimento da própria completude. E, a partir disso, produz-se o transvasamento.

A segunda questão que Freud apresenta diz que “tem a virtude de suspender os recalques e de restaurar perversões. Eleva o objeto sexual a ideal sexual. Uma vez que, no tipo de apoio (ou do objeto), advém sobre a base do cumprimento de condições infantis de amor, podemos dizer: é idealizado na medida em que cumpre essa condição de amor”<sup>7</sup>. Acredito que é muito importante com respeito à relação com o bebê. O amor passional que o adulto sente pelo bebê implica cancelamento de recalques e abre a questão do polimorfismo perverso. Nenhuma pessoa faria as coisas que um ser humano faz com um bebê, e ainda com prazer. Essa é a questão, não podemos nos enganar: quando limpamos a bunda de um bebê, não apenas o fazemos por responsabilidade, mas também porque existe um prazer no contato. Se aplicamos uma pomadinha, brincamos com a sua bundinha, tudo o que sabemos que se faz com um bebê. Mais ainda, o prêmio é que, depois de tirar toda a sujeira, temos o corpo dele para desfrutá-lo. Mas, em um nível muito extremo, isso acontece na relação mãe-filho, e me parece interessante para pensar a forma como se instala o polimorfismo. Vale dizer, como os tabus caem na relação com o corpo da criança. E afirma que se restauram perversões.

Seria interessante pensar a questão de como a relação passional possibilita que o corpo do outro se transforme em um lugar onde a libido encontra uma descarga, além de determinadas rédeas que a cultura impõe. Quando Freud diz que o amor eleva o objeto sexual a ideal sexual, abre uma questão que se torna complexa pelo seguinte: coloca a questão do ideal sexual em relação ao ideal do eu, o que não é exatamente assim; quer dizer, em alguns casos, logicamente sim; no amor vitoriano coincidiam o ideal sexual com o ideal do eu. Mas justamente na falha do amor vitoriano se vê claramente que entre o ideal sexual e o ideal do eu podem começar a surgir fraturas. Por exemplo, o ideal sexual pode ser perfeitamente um objeto denegrido do ponto de vista do ideal do eu. Quando falo sobre “ideal sexual”, refiro-me àquele objeto com o qual se fantasia o máximo do gozo. Parece-me que exatamente nessa fratura entre o ideal sexual e o ideal do eu é onde se abre toda a problemática dos fracassos do amor. Não o chamemos de ideal “sexual”, mas das possibilidades de resolução sexual que o objeto produz. Não se pode ser, então, complementar, satisfatório e ser amado. E vice-versa.

Isso se vê muito claramente nas formas em que, às vezes, entram em crise formas de escolha porque foram definidas pelo ideal sexual. Desde que acabou a virgindade pré-nupcial, isso diminuiu. Porque essa ideia de que se chegava ao casamento para poder realizar a relação sexual era brutalmente enganosa e destrutiva, à medida que um ser humano escolhia de acordo com o ideal do eu, mas não sabia, até depois de ter caído na armadilha, se esse era o seu ideal sexual. Ou vice-versa.

Era tal a compulsão pelo ideal sexual que esse sujeito não podia pensar se esse objeto tinha a ver com o seu ideal do eu, à medida que a única coisa que queria era casar para fazer amor. Então esse casar para fazer amor era um obstáculo para outras possibilidades. Acredito que hoje isso melhorou, em alguns casos. Agora, o que acontece é que a crise leva os seus próprios problemas. Existem muitas escolhas definidas pela sobrevivência.

No entanto, Freud, com muito cuidado – como sempre faz –, diz: “O ideal sexual pode entrar em uma interessante relação auxiliar com o ideal do eu. Onde a satisfação narcisista tropeça com impedimentos reais, o ideal sexual pode ser usado como satisfação substitutiva. Então se ama seguindo o tipo de escolha narcisista de objeto: amaremos aquilo que fomos e deixamos de ser, ou aquilo que possui qualidades que nunca teremos”<sup>8</sup>. De forma que não se entende muito bem. Aqui abre esta contradição.

O que sim é interessante é que termina por definir o amor narcisista como o receber amor e não o amar. Ele o apresenta de uma forma muito interessante. Vou ler o que ele diz sobre as mulheres, para que as feministas fiquem zangadas. Está polemizando com Adler, porque a introdução do narcisismo é um debate a respeito da questão da inferioridade dos órgãos trazida por Adler. Diz:

A comparação entre o homem e a mulher mostra, depois, que na sua relação com o tipo de escolha do objeto apresentam diferenças fundamentais, embora não sejam, claro, regulares. O pleno amor de objeto, segundo o tipo de fixação, é, na verdade, característico do homem. Ele exhibe essa chamativa sobre-estimação sexual que, sem dúvidas, provém do narcisismo originário da criança e, assim, corresponde à transferência desse narcisismo sobre o objeto sexual.<sup>9</sup>

Não é tanto assim também. O excesso de narcisismo pode levar a nunca transferi-lo ao objeto. Justamente, para que exista transferência, tem de haver castração. De forma que o excesso de sobre-estimação narcisista torna difícil o amor ao objeto. Afirma que:

Tal sobre-estimação sexual dá lugar à gênese do encantamento, esse peculiar estado que lembra a compulsão neurótica e se reconduz, pelo dito, a um empobrecimento da libido do eu em benefício do objeto. Diferente é a forma que apresenta o desenvolvimento no tipo mais frequente – e provavelmente mais puro e mais genuíno – da mulher. Com o desenvolvimento puberal, pela conformação dos órgãos sexuais femininos até então latentes...

Vejam, nessa ideia dos órgãos sexuais femininos até então latentes, como se na mulher não tivesse havido masturbação clitoridiana, da qual ele mesmo vai falar mais adiante:

... parece surgir um incremento do narcisismo originário [Não é o que acontece com as nossas adolescentes. Agora vamos ver por que, ele mesmo sabe.]; esse incremento é desfavorável à constituição de um objeto de amor em toda a regra, provisto de uma sobre-estimação sexual. Em particular, quando o desenvolvimento as torna formosas, estabelece-se uma complacência com ela mesma que a ressarce da atrofia que a sociedade lhe impõe em matéria de escolha de objeto.

Aqui está o segredo, ou seja, a condenação da mulher na sua época a não poder ter o gozo. A restituição narcísica surge como uma forma na qual a drenagem tem que se tornar sobre o próprio eu, porque está impossibilitado do amor do objeto.

Essas mulheres apenas se amam, em rigor, a si mesmas, com a mesma intensidade que o homem que as amam. A sua necessidade não se sacia amando, mas sendo amadas, e se fixam ao homem que preencha essa necessidade. A importância desse tipo de mulher para a vida amorosa dos seres humanos deve ser muito valorizada. Essas mulheres possuem o máximo de atração [*Reiz* – estímulo] para os homens, e não apenas por razões estéticas (porque costumam ser as mais belas); também, a consequência de interessantes constelações psicológicas. De fato, com particular nitidez, evidencia-se que o narcisismo de uma pessoa provoque grande atração sobre aquelas outras que desistiram da dimensão plena do seu narcisismo próprio e andam em requerimento do amor de objeto; a atração da criança reside, em boa parte, no seu narcisismo, na sua complacência consigo mesma e na sua inacessibilidade.<sup>10</sup>

O interessante é como apresenta o caminho da mulher, sustentado, além do mais, pela forma cultural com a qual se define a possibilidade. Talvez a questão de maior risco seja – teoricamente – a relação que existe entre superpor sobre-estimação sexual e sobre-estimação do ideal do eu do objeto, que são duas coisas diferentes. Porque a sobre-estimação sexual não pode ser pensada senão à base do fantasma do prazer que o objeto implica. A sobre-estimação sexual está dada pelo que o sujeito imagina que o outro pode oferecer de prazer; enquanto a sobre-estimação de passagem de drenagem narcísica está dada pelo reconhecimento do que falta e o que supõe que o outro pode dar, em nível da representação que venha a cancelar a falta, que é algo diferente.

Acredito que devemos abrir essas questões; temos que separar a questão da sobre-estimação narcísica da sobre-estimação sexual. Mais ainda, a sobre-estimação sexual pode ir em prejuízo narcísica, como no caso de *El Ángel Azul*<sup>11</sup> ou esse tipo de homem que se destrói em escolhas de objeto que vão dizimando a sua autoestima. Ou em Adèle H.<sup>12</sup>. Todos eles, personagens famosos porque na drenagem não recebem compensação; mas, além disso, porque o objeto sobre-estimado idealizado produz uma satisfação moral, compensató-

ria da sobre-estimação sexual. Vale dizer, produz ao ideal um viés de reafirmação narcisista perante o reconhecimento de que o prazer tem de vir do outro.

### **É POSSÍVEL VINCULAR O OBJETO DA PULSÃO COM O OBJETO DO AMOR?**

O último ponto que gostaria de tratar, que tem a ver com a relação entre o autoerotismo, o narcisismo e o amor de objeto está relacionado, então, à possibilidade de que o objeto da pulsão possa se vincular com o objeto de amor. O que quer dizer isso? Se ele se vincula ou não se vincula ou se superpõe. Não há dúvidas de que o conforto que a criança sente quando está instalada em uma situação edípica se produz a partir de que o objeto excitante está nos limites da possibilidade do amoroso, porque, senão, gera angústia à medida que a libido não está satisfeita. O que gera angústia na infância – não podemos nos confundir – não é apenas a culpa que dá a relação erótica com um objeto. É a libido insatisfeita que excita e não tem via de resolução. Nisso eu sou muito economicista. E por algo sou assim: em nossa prática com crianças vimos que o que predomina na culpa é uma ideia que não é correta. Pode existir a culpa nas crianças maiores, mas nos primeiros anos de vida, o mal-estar que a excitabilidade produz – fruto do excesso do adulto –, não se deve ao fantasma e sim à libido insatisfeita que não encontra solução. Transtornos do sono, choramingar, incômodos e outros sintomas. De forma que a condição para que o autoerótico e o amoroso se vinculem implica a possibilidade, a partir do outro, de sublimar uma parte da relação erótica com o corpo da criança.

Diria mais: a organização edípica apresenta uma conexão entre o amoroso e o pulsional. O que significa? Que, até este momento, a criança gozava com o corpo da mãe, entendendo-o como corpo próprio, e é isso o que se diferencia em Édipo. Penso que o Édipo é o momento do descobrimento de que o corpo da mãe não é o corpo próprio. Por isso, está vinculado à saída do ego do prazer purificado. É o momento do reconhecimento de que o outro é outro; pelo qual, para possuí-lo, tenho que me apropriar dele. Porque, aqui vem uma questão, pode ser uma parte de si mesmo – em alguns casos, um ego de prazer purificado muito narcisista –, ou pode ser simplesmente que não existe si mesmo, de forma que o corpo próprio e o corpo do outro são o mesmo corpo; então, não é um excesso de narcisismo. Tem havido uma tendência a pensar que tudo o que o sujeito inclui em seu universo erótico se deve ao narcisismo. Não, pode haver uma ausência absoluta de organização do eu e que apenas exista, então, contato com os objetos eróticos; o próprio corpo pode ser um objeto externo, independente de que seja “dupla sensação” – como diz Freud –, e o corpo do outro possa ser um objeto que não é nem próprio nem alheio. É, simplesmente, um objeto com o qual se produz certa complacência.

Na relação que constitui o amor de objeto, a gente poderia dizer que o momento de passagem não se dará apenas pelo reconhecimento da existência do outro como objeto, senão pelo reconhecimento de que o outro não é um objeto do qual a gente possa se apropriar. Essa é outra questão. Aqui surge a questão ternária. O Édipo não marca apenas que o outro é um objeto desejado

por mim, na medida em que é alheio a mim, mas que, além disso, existe um impedimento para que eu me aproprie dele a partir do meu desejo. Quero dizer que existem limites ao meu desejo a respeito da apropriação do corpo do outro ou da apropriação do outro como objeto de amor. Esses limites estão dados, neste caso, pelo terceiro mito freudiano, pela lei, a partir do terceiro, na forma em que Lacan reinterpreta o mito. De toda forma, o que me parece muito importante é que o amor de objeto não é, necessariamente, o amor edípico. O amor edípico é o amor de objeto atravessado pela culpa e a lei. Então, o amor de objeto pode apresentar características de cunho narcisista quando não está atravessado pelo código da lei. Aí fizemos um esquema simples, no qual o amor de objeto aparece “edipizado”, mas sabemos que esse amor incondicional que se manifesta às vezes em relações mãe-filho ou pai-filha são narcisistas e não relações atravessadas por legalidades.

Recentemente supervisionei um caso, no fim de semana passado, em São Paulo, de uma mãe com uma patologia muito grave que traz uma menina de 7 anos para tratamento. A menina frequenta a escola. Na realidade, ela pensa que a menina não tem nada, que o problema é da escola. Ela chegou a São Paulo vinda de outro país e pensa que o problema é que a escola funciona mal e que, por isso, fazem problemas com a sua filha. A mãe exerce constantemente um ataque ao princípio da realidade. Por exemplo, vejam que interessante: a menina mede 1,52 metro e pesa mais de 60 quilos; é obesa para a infância. As crianças riem dela, a chamam de gorda. Então a mãe a coloca na frente do espelho e diz: “O que você vê? O que você vê? Eu vejo uma menina linda. Isso é o que eles dizem, mas não é o que você vê, e o que eu vejo”. Aqui existe uma anulação da percepção. Ela não diz: “Olhe, em outro país você não seria gorda. Mas aqui você é gorda, mas esse é um problema cultural, eu não vejo você assim”. Não, o que ela diz é: olhe-se a partir de uma proposta de distorção da percepção. Ela impõe coisas à analista, a todo o mundo. É muito impressionante a violência que essa senhora pode exercer.

A menina fala como um prisioneiro com síndrome de Estocolmo. Por exemplo, diz – nunca fala mal da mãe: “A minha mãe não pode fazer mais coisas por nós, porque ela já faz muito. Porque a minha mãe tem muitas jantas e muitos coquetéis e muitos desfiles de moda”. O que em qualquer criança seria motivo de reclamação, para ela é um elogio. Por isso digo que parece a síndrome de Estocolmo. Ela está permanentemente justificando a atitude de quem a tem prisioneira, como se tivesse pavor de que isso se rompa. Depois de muito tempo de análise, ela conseguiu dizer para a analista que ela se sente mal por não ter amigos e que está triste. Mas não consegue sustentá-lo, porque dizer isso seria decepcionar a mãe, que quer ver nela uma criança maravilhosa. E que a deixa vir ao tratamento. Ainda não compreendemos por que a mãe a traz, em algum lugar, ela deve saber que algo está errado, mas, ao mesmo tempo, existe uma negação, algo que não funciona.

Por que lembrei disso? Porque nessa captura narcisista aparecem, também, elementos paranoides – o qual é lógico –, temor a ser ferida a partir do exterior... inclusive, observem este sintoma: teve medo de ingerir algum produ-

to de limpeza – agora, com 8 anos – ou algum alimento que a matasse, mas não que a envenene: de autoenvenenamento. E não por fazê-lo por descuido, mas por compulsão, o qual pode ser interpretado como um fantasma de suicídio ou como uma dificuldade para deter o que está lhe fazendo mal e sentir que é ela quem o está ingerindo. O que a mãe fez quando ela contou? Pegou a menina, colocou-a na frente dos produtos de limpeza e disse: “Beba, beba, experimente. Vamos ver o que acontece?”. Lógico que a menina não experimentou nada. A reação que produzia em nós, no grupo, ouvir esse material era muito forte, porque nos deixava sem fôlego. Produzia em nós uma impotência muito grande, e o modelo de captura narcisista era tão brutal que nada mais havia sobre o conhecimento da mãe sobre a sua filha, que ela a estava destruindo, lógico, para construir esse vínculo narcisista no qual o que surgia era o temor a se liberar e a possibilidade de destruição da mãe. Era um caso como aqueles que descreve Searles em *“O esforço para enlouquecer o outro”*<sup>13</sup>. Esta filha era a filha prêmio da sua mãe. Tinha outros dois filhos com os quais atuava de outra forma. Essa senhora era a filha mais velha e tinha casado porque ficou grávida, assim nasceu esta menina. Depois, com os outros dois filhos que teve foi diferente. Quando a filha nasceu, a avó materna foi morar com ela durante dois anos. E então ela disse: “O meu marido não gostou. Por que ele tem que dar a sua opinião? Qual é o problema dele? Para mim era uma ajuda”. É impressionante o nível de falta de estimacão de qualquer juízo a respeito de um terceiro. Principalmente quando está em jogo algo que é da esfera das suas necessidades, dos seus fantasmas, dos seus desejos.

Neste caso, o narcisismo surge capturando e, na realidade, o eu não pode amar a si mesmo porque não tem uma legalidade que lhe permita amar-se à medida que não sabe o que é bom e o que é errado. Porque o bom e o errado estão definidos sempre pela palavra do outro, e não há possibilidade de incorporação de algo que permita ter o seu próprio juízo, “se a gente faz cocô e se suja, é errado, se a gente não se suja, é bom”. Na realidade, a mãe depois chegava a dizer: “Ah, você se sujou porque algo que você comeu lhe fez mal”. E outro dia: “Você se sujou porque nada lhe interessa e você queria me ver zangada”. As hipóteses são variadas, não existe nesta mãe nada que permita estabilizar psiquicamente uma relação com a vergonha de nível subjetivo, pelo contrário, sempre é uma angústia pela possibilidade de que o objeto se destrua ou seja destruído, aniquilado pelo objeto. É realmente como uma síndrome do prisioneiro, muito difícil de mobilizar. Mais ainda, estávamos trabalhando, e em um dos membros do grupo surgiu a fantasia de um projeto de que um terceiro assumisse a responsabilidade, tirá-la da mãe. Porque, claro, a impotência é muito grande e surge a sensação de que não há solução. Por outro lado, não se trata de uma mãe que possa ser contestada do ponto de vista jurídico. É muito impressionante constatar como as patologias graves, com essas características, não são detectadas socialmente. Considera-se que é uma mãe arbitrária, tirana, um pouco louca. Mas ninguém diria: “Trata-se de uma psicose”.

*Intervenção:* Algo muito simples: no início da aula, colocaste ênfase no caráter representacional que o objeto externo tem na psicanálise. Pensava se isso não estaria relacionado, de alguma maneira, com a ideia de “imago”, de

Melanie Klein, embora no modelo dela, o eixo, a coluna de sustentação, não é a representação senão a fantasia. Mas se isso não assinalava também a se liberar da factualidade do objeto externo para recuperar o caráter – no caso dela é fantasmático, não é? – representacional do objeto.

Sim, concordo. Por isso em Melanie Klein há objetos desde o início da vida e ela pouco se importa se esse objeto é externo ou não. O que importa para ela é que se trata de uma representação. A trava, sabemos, é o endogenismo, onde permanentemente existe uma desestimação – diferente de Anna Freud –, a respeito do conhecimento do objeto real. Não é o que preocupa a Melanie Klein. O que lhe preocupa é a concordância entre a representação e as moções do sujeito. Mas, sim, eu concordo. Penso que *phantasy* inclusive é um conceito no qual o autoerotismo sempre é objetal, mas no sentido da pulsão, não no sentido do objeto do amor.

#### QUE A CASTRAÇÃO SEJA ONTOLÓGICA QUER DIZER QUE UM DIA SE DESCOBRE QUE NÃO SE TEM TUDO

Quando Lacan diz que o real é pleno e que para que falte algo é necessário que exista uma organização simbólica que sirva de guia, significa justamente que é a cultura quem determina quais são as características que apresentam a castração. Em nossa cultura, castrado é quem não tem dinheiro, enquanto em outras culturas isso não implica nada. Conteí para vocês o caso terrível de um paciente meu, um jovem de família muito rica que vinha de carro com a mãe e viu um homem pedido esmolas, sem pernas, e disse: “Por que cortam as pernas dos pobres? Eu não quero que cortem as minhas, não quero ser pobre”. Ele compreendia o contrário, que se a pessoa é pobre teria uma perna cortada, então ele não queria, não era só não ficar sem a perna, mas ser pobre pelas consequências.

Lacan fala a respeito do código simbólico. Eu acredito que se trata de uma questão discursiva ideológica atravessada, claro, pela linguagem. É impossível que o real em si mesmo se manifeste. Mais ainda, os textos de Freud, quando abordam a questão da diferença anatômica nos termos de castração, partem da descoberta de algo que vem da esfera enunciativa, não apenas da percepção.

O que me parece interessante é que a pergunta nos leva à questão da sessão anterior: Como é determinado o que falta ou o que existe senão pela articulação discursiva? Ou seja, que a castração seja ontológica significa que todo o mundo – pelo menos a maioria dos mortais – um dia descobre que não pode ter tudo. Mas o que é que falta? Freud fala de um universo referente à diferença anatômica; não é universal porque o apresenta apenas em relação a que o menino descobre que a menina não tem algo, mas não diz nada sobre que ao menino falta algo. Esse é o grande problema da teoria freudiana. A questão da teoria freudiana não é o falocentrismo, senão que deixa a metade da humanidade carente de castração. Do ponto de vista teórico é problemático, uma vez que não se entende por que se constitui o narcisismo secundário, os ideais, o que faria com que um homem amasse uma mulher apenas se amasse a sua mãe. E por que uma mulher não amaria a sua mãe, não sei. Mas quero



## CONVIDADO

dizer que o grande problema da teoria é este: que não transforma a castração em um princípio universal, mas a transforma em algo que acontece com uma parte da humanidade, e que assusta o outro como uma possibilidade, e não como algo existente, uma ameaça a algo que se possui. Acredito que esse é o problema mais grave da teoria freudiana da castração, do ponto de vista epistemológico e do ponto de vista clínico. Não apenas o seu falocentrismo, mas isto. Assim também acontece com outros postulados, mas por isso é necessário, urgente, retrabalhar a teoria da masculinidade<sup>14</sup>, porque é isso o que falha.

Mas, ao mesmo tempo, poderíamos dizer que não existe nada do real que falte a um sujeito. Então, como um sujeito poderia sentir que necessita algo que ele não possui? Justamente porque está na esfera da cultura; está no modo com o qual se significa. Se uma senhora vai ter um bebê e todo mundo diz a ela que é algo maravilhoso, que sorte que ela tem, o menino – que não pode ter bebês – se pergunta como é possível que algo que ele não pode ter seja maravilhoso e que o outro tenha essa sorte. Quero dizer que não está no imaginário compartilhado, mas nos modos discursivos de organização da falta na cultura. E, claro, nas formas fantasmagóricas com que isso é metabolizado e reatualizado por cada grupo familiar. Por isso é muito interessante ver como se manifesta esse problema com as migrações ou com as mudanças históricas. O que é que o sujeito vem saldar das gerações anteriores e, em alguns casos, já não serve de nada? Porque o que vem resolver é a castração de uma geração quando na dele já não é castrado. Isso também é muito interessante, aí são geradas todas as questões de conflito.

Eu me surpreendo muito hoje quando ouço alguns jovens dizer que têm pais muito desligados da realidade, que dizem aos filhos que façam opções vocacionais que hoje em dia já não servem de nada, dizendo que são realistas, para ganhar a vida. Eu me surpreendo com que o desconhecimento dos pais leve a acreditar que as opções que os jovens fazem são incorretas, quando às vezes são bem mais realistas, porque estão mais de acordo com o seu tempo. Por exemplo, o jovem quer estudar – suponhamos – mídia e publicidade, comunicação ou eletrônica, e o pai quer que ele seja advogado, engenheiro ou médico. Nada garante que ele vai ter mais sucesso na vida com uma atividade que com outra, mas o pai arrasta os modelos da sua geração e pensa assim. Então acontece um choque, um conflito de gerações devido a um déficit de percepção da realidade por parte do pai. Poderia ser tão fácil aceitar que é isso o que o jovem deseja; além disso, cada um ganha a vida como pode. Mas existe uma fantasia de certeza autoconservacionista que, na realidade, está completamente defasada e que pode levar a ódios muito grandes com o passar dos anos. Vai se gerar ódio e ressentimento se esse jovem escolhe algo diferente do que vocacionalmente quer, porque pensa que dessa forma terá sucesso na vida. Depois, quando se forma e como residente ganha um salário de miséria, será terrível; ou vai se transformar em um assalariado. O modelo dos enunciados geracionais é muito interessante.

Nos Estados Unidos existe uma piada sobre a primeira mulher a ser presidente. Ela é de uma família judia e, então, telefona para a mãe e diz: “Mamãe,

quero que venhas à cerimônia de minha posse". A mãe responde: "Mas não tenho roupa". "Não se preocupe, mamãe, eu vou falar com o Armani e ele vai fazer um lindo vestido para a senhora. Serei a presidente dos Estados Unidos!". "Bom, mas não sei como viajar". "Mamãe, vou enviar para a senhora o avião presidencial". Tudo assim: a mãe a cada coisa colocava uma dificuldade e ela cada vez diz que está tudo bem, até que a senhora chega à cerimônia de posse. Então, a filha está ali, na frente, e a mãe sentada, diz para um senhor ao seu lado: "O senhor vê aquela mulher que está ali, vestida de azul?" Ele diz: "Sim, claro". E ela sussurra ao ouvido: "O irmão dela é médico". Se a gente pensa por onde passa a castração, é pela insatisfação. "Ela tem um irmão médico". A piada é espetacular. Precisamente, a castração passa por isso, pelo reconhecimento de algo da esfera da não completude na satisfação total do objeto.

Parece-me uma questão muito interessante porque estamos, desde vários lugares, articulando problemáticas que vão confluindo em alguns pontos e abrindo outros. Vejam que, a essa altura, a teoria da castração, como reconhecimento da percepção, é absolutamente ineficaz. Principalmente quando a castração já passa por algo da ordem do ideal, e o ideal não se define em termos perceptivos, mas em termos de articulações discursivas com relação assintótica com o real.

*Intervenção:* Penso se é lícito ou arriscado subsumir essa forma de entender hoje a castração com a outra forma, a clássica, pensando em situação clínica.

O temor à perda do pênis real no homem. Se a gente deixa de interpretar isso quando surge.

*Intervenção:* Claro, quando surge. Quero dizer, o risco outra vez é epistemológico. Dar um passo que permita uma conceitualização mais de acordo com o momento, com o que a gente vê na clínica, que não implique apagar o anterior. Porque me parece que em determinadas situações pode, ainda, continuar tendo vigência.

Sem dúvida, a questão é não se afastar da representação. Se digo ao jovem que expressa que ele não quer, por ser pobre, que cortem as suas pernas: "Você tem medo é que cortem o seu pinto", sou uma ridícula. Embora depois de trabalhar essa angústia da perda da perna ele possa trabalhar, sim surge em algum momento a angústia da perda do pênis. Mas a ideia é: Qual é o significante sobre o qual a gente vai depositar, na interpretação, a angústia da castração? No homem e na mulher. E não apenas a angústia. A angústia da castração implica o temor a perder algo que não tem. O reconhecimento implica, justamente, perceber a incompletude. Se eu pretendo fazê-lo do ponto de vista desta formulação geral, acabo filosofando com o paciente. Não serve de nada. Foi o que aconteceu com os lacanianos. Terminaram filosofando com o paciente, muitas vezes, e era algo dramático. "Você não pode permitir que a castração que lhe permite..." Bobagem. Formas educativas da assunção da castração.

O que me interessa é ver que a castração possa se fixar, muito basicamente, na diferença anatômica, mas que não surge da diferença anatômica.

## CONVIDADO

Essa é a grande pergunta quando temos que pensar a questão dos casais homossexuais que adotam. Como vai acontecer a castração na criança? Primeiro, como se ela não fosse frequentar a escola onde verá os demais fazerem xixi, ou como se nunca fosse ver outras pessoas. Como se ela não fosse ver televisão, como se não fosse ver o corpo de uma mulher na televisão. Quero dizer, ela vai pensar que são marcianos. O que vocês pensam que vai acontecer com esse menino que nunca vai saber o que é uma mulher? Então, está a ideia de uma redução empírica sobre a qual gravita grande parte da nossa cultura, sem dúvida, mas que não se encerra aí, desloca-se. Por isso, o levanto aqui. Não acredito que a diferença anatômica seja a raiz do reconhecimento de toda castração. Acredito que a diferença anatômica é o momento em que se apresentou, historicamente, e que pode continuar aparecendo a questão da diferença que constitui homens e mulheres, hoje, relativamente. Não sei ao certo, quero pensar a esse respeito, quero pesquisar. Quero registrar isso na clínica. Eu disse mais de uma vez que tenho os meus pacientes meninos com angústia de abuso, com angústia de castração. Mas como “norma” é muito raro. E não podemos afirmar que a angústia de abuso seja angústia de castração. É angústia de passivização.

Nos vemos na próxima reunião.

## NOTAS

1. Ver BALINT, M. **La falta básica**. Barcelona: Paidós, 1993.
2. FREUD, S. **Introducción del narcisismo**. op.cit.
3. Ver WINNICOTT, D. **Realidad y juego**. op. cit.
4. Ver FAIRBAIRN, W.R. op. cit.
5. No **Diccionario del habla de los argentinos** “agachada” é definido como “pretexto, evasiva covarde mediante a qual se esquiva um compromisso”.
6. Ver FREUD, S., p. 97. **Introducción del narcisismo**, op. cit., p. 97.
7. Idem.
8. Idem.
9. Ibidem, p. 85.
10. Ibidem, p. 85-86.
11. **El ángel azul** (*Der blaue Engel*) é um filme de 1930 produzido e dirigido por Josef Sternberg, baseado no romance de Heinrich Mann, **Professor Unrat**. É considerado um dos melhores filmes alemães de todos os tempos. Marcou a estreia de Marlene Dietrich como protagonista no mundo do cinema, e a projetou para a fama. Emmil Jennings foi o protagonista masculino.
12. **El diario íntimo de Adela H.** (*L'Historie d'Adèle H.*), filme francês de 1975, que conta a história da vida real de Adèle Hugo, filha do escritor Victor Hugo, cuja obsessão por um amor não correspondido de um oficial da Marinha levou à sua queda. Foi protagonizado por Isabelle Adjani, Bruce Robinson e Sylvia Marriott e dirigido por François Truffaut.

13. SEARLES, H. **L'effort pour rendre l'autre fou**. Paris: Gallimard, 1965.

14. Silvia Bleichmar, posteriormente a este seminário, publicou **Paradojas de la sexualidade masculina**, no qual desenvolve aportes importantes para uma teoria da sexualidade masculina.